

Artigos

Caprinocultura de carne e tecnologia

Clovis Guimarães Filho, pesquisador da Embrapa Semi-Árido, Petrolina, PE

O processo de desenvolvimento da caprinocultura de carne no semi-árido nordestino, embora a passos lentos, marcha para a produção de cabritos para abate aos 4-8 meses de idade, incorporando características importantes para o mercado como menores teores de colesterol e de calorias que as outras carnes; sabor característico, maciez e suculência, rigoroso controle higiênico-sanitário na produção, processamento e comercialização e cortes especiais resfriados ou congelados, além de selos de origem e de qualidade.

A produção desses cabritos poderia se dar sob duas distintas estratégias tecnológicas principais. A primeira, um pouco mais exótica ou "artificializada", se basearia em sistemas de produção mais intensivos em uso de insumos, pouco ou nada associados ao ambiente, baseados em pastos cultivados, forragens conservadas, concentrados e genótipos exóticos (Boer, Anglonubiano e suas cruzas). A terminação dos animais, inclusive, poderia ser feita em áreas irrigadas, propiciando, em algumas regiões, uma forma excelente de exploração complementar (cria no sequeiro – terminação sob irrigação). A vantagem desse sistema seria a sua maior produtividade, com animais prontos para abate já aos 4 meses. Suas desvantagens seriam um maior investimento inicial, uma maior dependência dos insumos externos e a oferta de um produto ao mercado capaz, em termos de qualidade, de ser produzido em qualquer outra região do país. A segunda estratégia se basearia em sistemas mais extensivos de produção, com baixos níveis de insumos externos, privilegiando genótipos nativos, mais associados à caatinga, onde ramoneariam por 7 a 9 meses do ano, recebendo no período mais crítico forragens conservadas, palma e outras alternativas alimentares produzidas na própria unidade. A desvantagem desse sistema seria sua menor produtividade por unidade de área, em relação ao sistema anterior, com oferta de animais para o abate com idade entre 6 e 8 meses. As vantagens, além do aspecto ambiental de preservação da caatinga, seriam a necessidade de menores investimentos e a possibilidade de oferecer ao mercado um produto realmente diferenciado, um cabrito "ecológico" ou, até mesmo, "orgânico" (os atuais criados extensivamente na caatinga também são orgânicos porém com nível antieconômico de desempenho). Esse produto teria como qualidade mercadológica adicional o seu sabor peculiar, produto da associação de genótipos nativos com uma dieta básica de plantas características da caatinga (que outras regiões não poderão imitar). Acreditando na maior viabilidade desse opção, a Embrapa Semi-Árido inicia um trabalho visando validar um modelo para sua exploração.

A definição de qual dessas estratégias tecnológicas deveria ser empregada passa por uma cuidadosa análise das condições de mercado, dos recursos naturais disponíveis, além das culturais e tecnológicas. Em função da imensa diversidade do semi-árido, é possível que haja espaço para ambos os sistemas, inclusive para os tipos intermediários. O futuro dirá. O importante é que cada empreendimento seja analisado dentro do contexto do agronegócio e, por conseguinte, de sua viabilidade econômica.

Este é o fato preocupante. Nossa caprinocultura está enveredando por um caminho no mínimo simplista, que é o de limitar toda a problemática de um



agronegócio à questão "dentro da porteira" e, dentro desta, individualiza-la na questão de raça. Tudo isso induzido por um equivocado conceito de tecnologia, associado a animais puros, importados, transplantes de embrião e outras coisas mais, sem a correspondente preocupação com os outros fatores de produção. Privilegiam-se cursos de inseminação artificial em zonas onde os animais sequer têm o que comer nos períodos secos. /

Nesse contexto, é natural que o caprinocultor fique maravilhado com os magníficos espécimes expostos nas exposições de animais. Nada contra, já que alguns desses genótipos, combinados harmonicamente com técnicas melhoradas de alimentação e manejo, podem constituir instrumentos fundamentais para a mudança do padrão tecnológico da atividade. É essencial, porém, que ele também se conscientize de que o fato de um sistema produzir animais com 30 kg de peso vivo aos quatro meses de idade e outro apenas aos oito meses, não significa, necessariamente, ser o primeiro sistema mais rentável que o segundo. O que realmente importa saber é a que custo está sendo produzido um quilograma de cada um e qual o preço que o mercado paga. Para o expositor que é selecionador, as condições especiais a que são submetidos seus animais devem compensar, já que vendem cabritos desmamados por valores que podem chegar até os 5 mil reais, o que não acontece com a maioria esmagadora dos caprinocultores, que vive exclusivamente da atividade e produz carne e pele para o mercado. Esta vende seus animais, apenas quando atingem o peso de abate, por não mais que 1,50 reais por quilograma de peso vivo.

Em suma, o preço que o mercado paga é que vai indicar o sistema de produção (incluindo o genótipo) mais adequado a ser utilizado pelo produtor. "Tecnologia de ponta" será, então, toda aquela que contribuir para que o custo de produção permita uma margem de lucro satisfatória sob aquela condição de preço de venda, seja ela pasto de caatinga ou pasto irrigado de tifton, raça Moxotó ou raça Boer, monta natural ou inseminação artificial. O que o caprinocultor deve buscar, além de admirar os belos animais (também faz parte do negócio), é saber identificar corretamente os fatores de produção que deverão ser trabalhados para melhor adequar seu custo unitário às condições do mercado. Isto significa buscar o ótimo econômico do seu sistema de produção, ótimo este localizado, via de regra, abaixo do ótimo zootécnico.



GUIMARÃES FILHO, E. Caprinocultura de carne e tecnologia. Disponível em: <http://www.capritec.com.br/art25.htm>. Acesso em 25 ago. 2003.